

Luzes e natureza, uma comparação: o homem segundo Rousseau e Sade

Lights and nature, a comparison: the man after Rousseau and Sade

Aldones Nino Santos da Silva¹

Resumo: Este artigo tem como finalidade principal apresentar as ideias sobre a essência humana de dois importantes pensadores franceses do século XVIII: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Marquês de Sade (1740-1814). Ambos dedicaram parte de suas obras a argumentar sobre suas concepções de natureza humana, ou seja, sobre o conjunto de características intrínsecas e universais do homem: suas paixões primitivas e seus pendores originais. Trata-se de características que permaneceriam no homem independentemente da influência da cultura, e da sociedade na qual esteja inserido. Para Rousseau, o homem em seu estado de natureza é um ser que tem a piedade como seu guia fundamental; para Sade, o homem, é por natureza, guiado pelo crime e pela busca egoísta dos prazeres.

Palavras-chave: Rousseau. Sade. Iluminismo. Natureza Humana.

Résumé: Cet article vise à présenter les principales idées sur l'essence humaine de deux grands penseurs français du XVIII^e siècle: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) et le Marquis de Sade (1740-1814). Tous deux partie de son travail consacré à argumenter sur leurs conceptions de la nature humaine, c'est à dire, sur le plateau de l'homme intrinsèque et universelle, leurs passions et leurs penchants originaux. Ces ont des caractéristiques qui restent dans l'homme, indépendamment de l'influence de la société, et de la culture dans lequel elle est insérée. Pour Rousseau, l'homme dans son état de nature est un être qui a de la pitié que leur guide fondamental, pour Sade, l'homme est, par nature, entraînée par le crime et la recherche égoïste du plaisir.

Mots-clés: Rousseau. Sade. Lumières. Nature humaine.

* * *

I

Tanto Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) quanto o Marquês de Sade (1740-1814), dedicaram parte de suas obras à argumentação sobre suas concepções de natureza humana, natureza esta entendida, em linhas gerais, como um conjunto de características intrínsecas e naturais ao homem, ou seja, seus sentimentos e suas paixões primitivas. Em outras palavras, trata-se das características que permaneceriam no homem independentemente da cultura, momento histórico ou da sociedade na qual este esteja inserido. A crença em uma natureza humana era o fundamento das obras de

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade São Judas Tadeu - USJT. Orientador: Prof. Dr. Paulo Jonas de Lima Piva. Email: aldonnes.c@gmail.com.

muitos filósofos do período. Tanto Sade quanto Rousseau formularam suas hipóteses sobre o tema.

O homem sempre buscou conhecer a si mesmo. Uma das frases mais conhecidas da filosofia, a propósito, é “Conhece-te a ti mesmo”, célebre inscrição do templo de Delfos que Sócrates (469-399 a.C.) teria tomado como inspiração de toda a sua filosofia. Tal como Sócrates, Jean Jacques Rousseau, por exemplo, um dos mais importantes filósofos do iluminismo francês, dedicou-se a conhecer à essência do homem. O Marquês de Sade é outro pensador que também teorizou sobre a natureza humana. Como ambos buscavam conhecer o homem em sua totalidade, a natureza humana foi o tema central de muitas páginas das obras desses dois filósofos.

II

Começemos por Rousseau. Em 1753, a Academia de Dijon oferecia um prêmio a quem melhor responder a seguinte questão: Qual é a origem da desigualdade entre os homens e se ela é autorizada pela lei natural². Para responder se a desigualdade é autorizada por uma lei natural, Rousseau empreende então uma reflexão sobre a natureza humana. Conforme Rousseau, compreender as leis da natureza, não seria apenas tarefa para um grande pensador ou profundo metafísico. Essa lei que advém dessa natureza humana tem de ser comum a todos os homens.

Rousseau dividiu a sua explicação em duas partes. Logo no início da primeira parte do *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* o filósofo traz à tona o exemplo de uma estatua majestosa do deus Glauco, que com o tempo deteriorou-se tanto que chegou a assemelhar-se mais a um animal feroz do que a um deus³. Esse exemplo se aproxima do percurso da alma humana, percurso este que ele explicitará ao longo da obra. Rousseau lança uma hipótese metodológica, de um estado de natureza, onde o homem livre seguiria apenas os seus instintos e sentimentos ditados por essas inclinações naturais.

Para Rousseau conhecer esse estado de natureza seria o primeiro passo para conhecer a origem da desigualdade moral e dos fundamentos da sociedade. Rousseau

² ROUSSEAU J-J. *Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 41.

³ ROUSSEAU J-J. *Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, Porto Alegre: L&PM, 2009, p. 33.

fala em dois tipos de desigualdade: a física e a moral⁴. A desigualdade física é perceptível e sem grandes diferenças para a vida humana, é aquela proveniente da natureza e que faz um homem ser mais forte, outro mais alto, ou até mesmo um pouco de resistência física acima da maioria. Enquanto há um homem mais alto, há outro mais forte, um homem mais forte logo percebe a existência de outro mais resistente, assim essa desigualdade que provém da natureza não origina grandes desigualdades na vida em sociedade, pois, até mesmo na desigualdade natural é possível achar um “equilíbrio”, pois nenhum ser é totalmente cheio de qualidades nem outro apenas cheio de defeitos. A própria natureza corrige essa diferença as distribuindo uniformemente entre todos os seres.

A desigualdade moral ou política é aquela que provém das convenções adotadas por alguns, é a forma como se consideram e se estabelecem as relações entre os homens; essa seria então a desigualdade que geraria todas as mazelas humanas. Mazelas estas originadas pela inserção do homem no meio social como afirma Derathé:

Uma das ideias essenciais da psicologia rousseauísta é que a maior parte das paixões é de origem social e deve seu desenvolvimento a luzes ou conhecimentos que o homem só pode adquirir por um comércio constante com seus semelhantes. Como os Estóicos, ele faz uma distinção entre as impulsões primitivas, ou as inclinações naturais, e as paixões que dependem da opinião⁵.

Como já dissemos, o estado de natureza seria uma hipótese usada por Rousseau para poder expor a sua concepção acerca da natureza humana. Rousseau admite que o estado de natureza possa nunca ter existido, mas faz uso desta hipótese para poder expor a sua ideia de natureza humana contrapondo este estado natural com o Estado civil.

Para Rousseau, o homem no “puro estado de natureza”⁶ viveria em meio aos outros animais, porém, seria menos forte do que alguns animais encontrados na natureza⁷. Em compensação, mesmo sendo mais fraco que alguns animais, “levando tudo em conta o homem era organizado de modo mais vantajoso que os demais”⁸. Tal homem tinha seu leito sob as árvores, não tinha vínculos sociais, linguagem, tampouco preocupações filosóficas, pois ainda não havia efetivado a razão. No estado de natureza o homem tinha tudo o que era necessário à sua sobrevivência, como nos fala Rousseau:

⁴ Idem, p. 43.

⁵ DERATHÉ, ROBERT. *Rousseau e a ciência política de seu tempo*. São Paulo: Bacarolla, 2009, p. 211.

⁶ ROUSSEAU, 2008, p. 50.

⁷ Idem, p. 50.

⁸ Idem, p. 48.

“vagando nas florestas sem indústrias, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligações, sem nenhuma necessidade de seus semelhantes, assim como nenhum desejo de prejudicá-los”⁹. O homem vivia então, de acordo com o meio ambiente e não tinha preocupações metafísicas, não se interessava pelo passado nem pelo futuro como nos diz Starobinsk:

Nessa suficiência perfeita, o homem não tem necessidade de transformar o mundo para satisfazer suas necessidades. (...) O homem não sai de si mesmo, não sai do instante presente; em uma palavra, vive no imediato¹⁰.

Rousseau atribui ao homem à perfectibilidade, a qual seria uma capacidade do homem de aperfeiçoar-se. Um animal será ao longo de sua vida o que sua espécie sempre foi desde os seus primórdios. Ao contrário dos homens, os animais seriam uma espécie fixa intelectualmente, pois não raciocinam, assim não possuem a perfectibilidade em potência para permitir o aperfeiçoamento da espécie. O homem, pelo contrário, pode aperfeiçoar-se cada vez mais e, da mesma forma, a sua espécie se desenvolve de acordo com os estímulos das circunstâncias.

Rousseau sustenta que os sentimentos básicos anteriores a razão são: o amor de si e a piedade¹¹. O amor de si é o sentimento de autoconservação. Esse sentimento é o que leva o homem a agir em direção àquilo que lhe parece melhor para garantir sua sobrevivência, sempre buscando conservar a sua vida¹². Segundo Rousseau, quando o homem sai do estado de natureza e ingressa no estado civil o amor de si degenera-se em amor-próprio, transforma-se em orgulho, então o homem deixa de apenas conservar a sua vida, para se comparar com os demais.

O segundo princípio, é a piedade, esta é a capacidade que cada indivíduo tem de identificar-se com o outro. Rousseau vê a piedade até mesmo nos animais¹³. Essa piedade busca impedir o homem de provocar sofrimento a outro indivíduo. Essa faculdade de se identificar com sofrimento alheio contribuiu para a conservação da espécie humana.

Nesse estado de natureza a racionalidade existiria apenas em potência. A racionalidade é ativada pela perfectibilidade, particularidade humana. A racionalidade

⁹ Idem, p. 76.

¹⁰ STAROBINSKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*. São Paulo: Companhia das letras, 1991, p. 37.

¹¹ ROUSSEAU, 2009, p. 37.

¹² Idem, p. 70.

¹³ Idem.

vai se efetivar quando for estimulada por algum obstáculo exterior. A propósito, as características que distinguiriam o homem de qualquer outro animal existente na natureza seriam duas ao entender de Rousseau: a liberdade e a perfectibilidade, a liberdade também seria um atributo humano por excelência já que em comparação com os outros animais o homem seria o único ser livre, pois todos os outros seres agem de acordo com um determinismo natural. O homem seria livre na medida em que a natureza dita os impulsos, e o homem “se reconhece livre para concordar ou resistir”¹⁴.

A natureza humana, para Rousseau, não comporta o sentimento do egoísmo. Entretanto, a vida em sociedade é responsável por fazer o homem orientar-se pela opinião alheia, assim reprimindo suas verdadeiras inclinações, que são o amor de si, e a piedade. Rousseau se vê preso a “uma sociedade que reduz tudo as aparências, onde tudo se torna artificial e fingido”¹⁵, na qual o amor próprio se faz mais importante do que as outras paixões humanas. O amor pela própria imagem e o sentimento de superioridade, só despertam na alma dos homens com a vida em sociedade.

Então seguindo a linha de raciocínio de Rousseau chegamos à conclusão de que a vida em sociedade empurra o homem desde seu nascimento para a indiferença e o egoísmo; ao sentir-se mais importante que os demais, o homem não ouviria a piedade ditada pelo seu interior, pois, não mais se identifica com os outros. Com o amor de si transformado em amor próprio, e a piedade transformada em indiferença ou egoísmo, nós, homens, tornamo-nos apenas animais degenerados por não ouvirmos o nosso coração que nos impulsiona em direção ao amor de si e a piedade. Assim sendo, as inclinações para o vício tornam-se muito mais comuns do que as inclinações para as virtudes.

III

Sade difere de Rousseau em alguns pontos fundamentais sobre a natureza humana. Rousseau tem uma concepção de homem dualista, ou seja, o homem é constituído de matéria e alma. Para Sade, o homem se resume apenas à matéria. Se para Rousseau é essa alma que permite o livre arbítrio, e torna o homem diferente dos animais. Em Sade ocorre o oposto, pois, o homem é uma matéria como qualquer outra existente na natureza, que se diferenciaria dos animais apenas pela sua forma, não

¹⁴ Idem, p. 56.

¹⁵ ROUSSEAU, 2009, p. 113.

existiria para Sade uma alma que diferencie os animais e os homens. Para Sade não se pode dissociar a alma da matéria, da mesma forma como não se dissocia a vida do corpo vivo. Para Sade, a vida seria uma soma de todos os movimentos do corpo. O sentimento e o pensamento são parte desse movimento, quando um homem morre todos os seus movimentos cessam. “Afirmar que a alma continua a pensar depois do fim da matéria é a mesma coisa que imaginar que um relógio quebrado em mil pedaços possa continuar a marcar as horas”¹⁶.

Rousseau busca ir além das teses expostas por Hobbes¹⁷, que diz que o estado de natureza é o estado de guerra. Rousseau se diferencia por expor a existência de um percurso da degeneração humana. Sade se aproxima de Hobbes na medida em que não propõe um percurso de degeneração do estado de natureza até os dias atuais. Em Rousseau o homem atual degenerou-se, portanto, diferencia-se daqueles homens existentes no puro estado de natureza. O homem de Hobbes e Sade sempre foi da mesma forma como nos aparece na atualidade.

Sade se apoia no relativismo cultural para afirmar que não existiria um bem ou mal intrínseco e a priori na natureza; bem e mal, vício e virtude, seriam entendidos como convenções humanas, como nos afirma Dolmancé em *A filosofia na Alcova*:

Não há nenhuma ação, por mais estranha que a considereis que seja verdadeiramente criminosa; nenhuma que possa se chamar realmente de virtuosa. Tudo está de acordo com os nossos costumes e o clima em que vivemos; o que é crime aqui é muitas vezes virtude algumas léguas mais abaixo¹⁸.

Segundo Sade, a natureza é amoral e tem apenas uma lei, que é impressa tanto nos homens como nos animais da mesma forma. A lei da natureza é a lei da destruição e criação, “criar para destruir e destruir para criar”¹⁹. A natureza segue um curso espontâneo e cego; tudo dela provém e tudo a ela voltará. As coisas nascem e morrem apenas para manter o seu curso. O crime, em especial o assassinato, é um dos meios de assegurar a circularidade da matéria. O assassinato ao invés de apenas tirar a vida, pelo contrário, é o maior gerador desta, já que por meio dele o homem coloca mais matéria a disposição da natureza.

¹⁶ SADE, M. *Diálogo entre um padre e um moribundo: e outras diatribes e blasfêmias*. São Paulo: Iluminuras, 2009, p.32.

¹⁷ Thomas Hobbes (1588-1679) Filósofo, matemático e linguista inglês. Ele se aprofunda na questão da natureza humana no Capítulo XIII do *Leviatã*, livro que foi publicado em 1651.

¹⁸ SADE M. *A filosofia na alcova*, São Paulo: Circulo do Livro, 1995, p.47-48.

¹⁹ Idem, p. 122.

Um exemplo que ilustra essa tese é o de duas mulheres que estão grávidas: a primeira opta por gerar a criança, a segunda opta por abortar o feto. A primeira gerou uma vida, então uma criança nascerá e crescerá na forma humana; a segunda que optou por abortar o feto que crescia dentro de si colocou mais matéria nas mãos da natureza. Tendo essa matéria disponível a natureza poderá fazê-la ressurgir em muitas outras formas. Assim, nada criminoso foi à ação da segunda mulher: o crime serviria muito mais aos propósitos transformadores da natureza. Tanto no primeiro como no segundo caso, as mulheres geraram vida com os seus atos, porém a matéria que estava dentro da mulher que opta pelo aborto, ao invés de ficar presa por vários anos à forma humana, poderá surgir na forma de muitos insetos diferentes²⁰. A forma que essa matéria vai ter é indiferente para a natureza.

No Discurso de Dolmancé em *A filosofia na alcova* a beneficência é uma porção de sensibilidade que recebemos da natureza, mas não devemos dividi-la, o conselho dado a Eugenie, quando ela questiona Dolmancé a respeito dos “movimentos de seu coração”²¹ é:

Não dividamos essa porção de sensibilidade que recebemos da natureza: estendê-la é aniquilá-la. O que me importam os males dos outros! Os meus já não são suficientes, sem que eu me aflija com aqueles que me são estranhos? (...) Não se pode sempre fazer o mal. Privados do prazer que ele dá, equiparemos ao menos essa sensação à pequena maldade picante de jamais fazer o bem²².

De acordo com Dolmancé, “a bondade não passa de uma fraqueza da qual a ingratidão e a impertinência dos fracos forçam sempre as pessoas honradas a se arrependem”²³. Justine²⁴, por exemplo, após muito sofrimento se arrisca ajudando um homem que ela vê ser pisoteado na beira da estrada. Justine divide sua pouca provisão de alimentos que tem e cuida das feridas deste moribundo. Ao se recuperar ele diz que se chama Dalville e ajudará a infeliz garota. Dalville enche a protagonista de promessas, e ludibriada ela o segue. Após chegar ao seu destino Justine cheia de esperanças pensa ter encontrado aquele que será seu salvador, mas, percebe que caiu em uma enrascada. Ela será escravizada e morta quando não for mais útil. Quando ela

²⁰ Vale lembrar que o Marquês desenvolve toda a sua linha de raciocínio baseado na biologia do século XVIII, e a geração espontânea tinha muitos seguidores, entre eles o próprio Marquês.

²¹ SADE, 1995, p. 47.

²² Idem.

²³ Idem, p. 206.

²⁴ SADE. *Os infortúnios da virtude*. São Paulo: Iluminuras, 2009.

questiona Dalville acerca da gratidão que ele lhe deve por ter lhe salvado a vida ele lhe oferece um longo discurso sobre a gratidão:

Raciocina melhor, raquítica criatura, Entre a possibilidade de seguir teu caminho e a de se aproximar de mim, escolheste a última como um movimento que teu coração te inspirava... Não te entregavas então a um prazer? Por que diabos pretendes que eu seja obrigado a te recompensar pelos prazeres que te proporcionastes (...). A ingratidão, em vez de ser um vício, é, portanto, a virtude das almas orgulhosas tão certamente quanto a benfeitoria o é das almas fracas²⁵.

Dolmancé reconhece que pode existir uma inclinação para a bondade também no coração humano, porém esta deve ser sufocada já que não traz benefícios a quem efetua a boa ação. Dolmancé diz: “Que um bom observador se lembre de calcular todos os perigos da piedade (...). Não escuteis jamais vosso coração, minha querida; é o guia mais falso que recebemos da natureza”²⁶. Para Sade os bons observadores podem sempre examinar os frutos da bondade, e os frutos do egoísmo, e logo poderão ver as vantagens que o egoísmo pode lhes propiciar. Se tiver de optar entre a mais forte dor infligida a um semelhante, e as mais leves cócegas desagradáveis infligidas a si mesmo, o homem sempre optará pelo mais leve incômodo, já que “a dor do outro, por mais profunda que seja, não tem o poder de causar sequer um leve desconforto em nós”²⁷. Para os libertinos o prazer físico é sempre preferível em face do prazer moral.

Sade em suas reflexões se contrapõe a tudo que a moralidade julga correto: a religião, a decência, a humanidade e a virtude são vistos apenas como formas de controlar as outras pessoas para seu próprio proveito. Segundo Sade, com o passar do tempo, essas quimeras são tidas como verdades absolutas, “quando na verdade não passam da mais desprezível invenção dos homens”²⁸.

Para Sade, a natureza tem como lei a destruição que é a dinâmica que mantém a sua circularidade e permite uma nova criação²⁹. O homem pode seguir dois caminhos: ele pode optar por seguir os passos da natureza se rendendo a destruição, e assim alcançando as prosperidades do vício³⁰ ou pode se render às quimeras da moral e sofrer os infortúnios da virtude, infortúnios esses causados até mesmo pela natureza, como por exemplo, no caso de Justine ela morre eletrocutada por um trovão, ou como tantos

²⁵ SADE, 2009, p.144-145.

²⁶ SADE, 1995, p. 206.

²⁷ Idem, p. 133.

²⁸ Idem, p. 47-48.

²⁹ Idem, p. 122.

³⁰ Idem, p. 127.

outros inocentes que são apresentados ao longo das obras e que sempre padecem nas garras daqueles que seguem a dinâmica da natureza, os libertinos.

Rousseau reconhece um livre arbítrio, ele diz que o homem se diferencia dos demais animais por poder resistir a essa instrução dada pela natureza, “e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma”³¹. Sade ao contrário não crê na espiritualidade de uma alma, e sua noção de liberdade é intrinsecamente ligada à fisiologia, pois, o homem está condenado a um determinismo natural. A liberdade é apenas uma ilusão já que o libertino é usado como um meio da natureza para efetivar os seus planos de “destruir para criar e criar para destruir”³². É dito para Juliette:

Método da liberdade não é mais que uma quimera e que somos obrigados, por uma força maior que nós, a fazer tudo àquilo que fazemos (...). Há certas características dos nossos órgãos, quando o fluído nervoso está mais ou menos irritado pela natureza do átomo que respiramos (...) pelo curso dos humores e por mil outras causas externas, que predispõe um homem para o vício ou para virtude³³.

Segundo a interpretação de Georges Bataille, Sade propõe um tipo de liberdade aos seus libertinos: a apatia, que significa a ausência total de qualquer sentimento. A apatia visaria libertar o libertino dessas paixões ditadas pela natureza. “O homem soberano de Sade”³⁴ busca atingir o grau máximo de liberdade que é o de superar as suas próprias vontades. O sangue frio é necessário para a total entrega ao crime. “Sade opera uma conversão no conceito de apatia, transformando-o em meio de acesso ao absoluto do prazer³⁵”. Quando nos rendemos à paixão, colocamos o prazer acima de tudo, o libertino soberano, porém, visa superar essa submissão cega às paixões. A apatia é um método para maximizar o crime e ultrapassar os obstáculos da natureza. Para torna-se um libertino soberano deve-se superar esses “prazeres simples” e alcançar “gozos mil vezes mais divinos”. Bataille nos oferece uma definição da apatia sadeana em seu livro *O erotismo*:

É preciso bem entender, com efeito, que a apatia não consiste somente em arruinar as “afeições parasitárias”, mas também em se opor a espontaneidade de qualquer paixão. O viciado que se abandona imediatamente a seu vício não passa de um aborto que se perderá.

³¹ ROUSSEAU, 2009, p. 56.

³² SADE, 1995, p. 122.

³³ _____. *História de Juliette ou as prosperidades do vício*. Lisboa: Guerra e Paz, 2007, p. 17.

³⁴ BATAILLE, G. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987, p. 155.

³⁵ MORAES, E. R. *Sade a felicidade libertina*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994, p. 198.

Mesmo libertinos de gênio, perfeitamente dotados para se tornarem monstros, se se contentam em seguir suas tendências, estão destinados à catástrofe. Sade exige: para que a paixão se transforme em energia, é preciso que ela esteja comprimida, que se mediatize, passando por um momento necessário de insensibilidade; ela será então maior possível³⁶.

A única chance de se vencer a diferença incrustada na sociedade, segundo Sade, é a escalada por meio do vício. Apenas se rendendo aos vícios e prazeres o homem pode vencer aqueles que o oprimem. O oprimido só se salva tomando o lugar de seu opressor. Mas fiquemos alerta, pois, essa inversão não visa acabar com a desigualdade, essa superação por meio do egoísmo sadeano visa apenas o âmbito particular. Uma vítima ao se tornar libertina pode por fim apenas a sua submissão, aconteceria uma inversão de posições, e ele passaria ao lugar do déspota.

Sade diz que a sociedade não passa de uma invenção engenhosa criada por homens inteligentes e hábeis. Os mais poderosos são aqueles que mais atendem ao vício; os virtuosos são presos aos valores impostos por aqueles que criaram as legislações. Desta maneira, os virtuosos são uma espécie de “objeto” que servem ao bel prazer dos poderosos. Os libertinos usam o que Sade chama de “alguns véus”³⁷, prática consistiria em esconder algumas de suas ações aos olhos da sociedade, assim possibilitando ao libertino a possibilidade de render-se aos maiores vícios sem ser submetido à legislação dos homens. A vida em sociedade faria então necessária o uso de um “disfarce” para os libertinos. É comum nas narrativas sadeanas seus personagens assumirem papéis de prestígio na sociedade do século XVIII como o de homens do governo, ricos comerciantes, freiras, padres e bispos. Rousseau preza a transparência, Sade preza algumas cortinas que tornam as práticas libertinas possíveis de se realizarem.

IV

Nas duas concepções expostas, a sociedade teria um papel fundamental na influência sobre o homem: para Rousseau, ela influenciaria de forma negativa, suprimindo a verdadeira natureza; assim sendo o homem deve escutar as suas inclinações naturais para não ser influenciado negativamente pela sociedade. Para Sade,

³⁶ BATAILLE, 1987, p. 162.

³⁷ Idem, p. 51.

a sociedade influencia o homem de forma a frear os verdadeiros impulsos que vêm da natureza, já que o homem está sujeito às leis dos homens ele deve ser astuto driblando a lei social e rendendo-se ao vício. Rousseau tem, por exemplo, o *Emílio* e o *Contrato social*, obras que segundo a interpretação de alguns comentadores dedicam-se a recuperação do homem, já na maioria das obras de Sade há uma ausência de pensamento no coletivo, ele critica os problemas da sociedade, porém, não pensa em um bem estar coletivo. Ele parte de um ponto de vista egoísta e não tem uma pretensão de melhorar o corpo político.

Em *A filosofia na alcova*, por exemplo, é exercida pelos personagens uma espécie de “pedagogia”, mas esta visa apenas o particular; Eugenié que é a jovem que será foco das lições, é uma aspirante a libertina que deve superar os preconceitos colocados em si por meio da sua educação que foi baseada em preceitos religiosos, apenas, para melhor poder se render aos gozos. Tanto Rousseau quanto Sade, concordam em um ponto: a sociedade é apenas uma questão de aparência, e na vida social ninguém mostra a sua verdadeira face. A maior diferença entre os dois é acerca dessa “verdadeira face do homem” que está oculta atrás desta aparência.

Podemos perceber que Rousseau nos coloca a ideia de uma natureza exclusivamente humana. Sade apenas afirma uma natureza geral, natureza esta em que o homem esta inserido da mesma forma que qualquer animal, e não uma natureza particularmente humana. A natureza para Sade dita as suas regras igualmente em todos os seres vivos. Sua ordem é a criação e a destruição. O libertino passa a ser apenas um veículo para manter a circularidade da matéria. Rousseau e Sade habitam lados opostos em algumas de suas reflexões, como é dito por Rouanet:

Ele (Sade) parodia, enfim, a própria autocrítica da Ilustração, pela qual Rousseau condena a civilização à luz da virtude natural, condenando essa mesma civilização à luz da naturalidade do crime³⁸.

A piedade para Rousseau é algo que está inerente ao ser humano, devemos então superar a representação que nos é imposta pela sociedade, e escutar nosso coração. Segundo alguns libertinos sadeanos, vício e virtude são ditados na mesma proporção pela natureza, mas, se quisermos prosperar na sociedade devemos suprimir a bondade e nos render ao vício. Para Sade, os valores são quimeras que através da história são

³⁸ROUANET, S. P. “O desejo libertino entre o iluminismo e o contra iluminismo” in: NOVAES, A. (org.). *Libertinos Libertários*. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p.191.

transmitidas como naturais, mas bastaria um exame imparcial para que todas as quimeras tidas como universais sejam reveladas como simples criações humanas.

Referências

- BATAILLE, G. *O erotismo: o proibido e a transgressão*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- _____. “Si nous admirons Sade, nous édulcorons sa pensée” in: *Obliques*. Dirigé par Camus, M. N. 12/3, Paris, Borderie, 1977.
- CASSIRER, E. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. São Paulo: UNESP, 1999.
- CASTRO, C. C. *Os libertinos de Juliette e a libertina de Sade*. São Paulo: USP, 2012, Tese (Doutorado em Filosofia).
- FORTES, L. R. S. *Paradoxo do espetáculo: política e poética em Rousseau*. São Paulo: Discurso Editorial, 2007.
- FREITAS, J. *Política e festa popular em Rousseau: a recusa da representação*. São Paulo: Humanitas: FAPESP, 2003.
- HEUMAKERS, A. “Sade um libertino pessimista” in: BREMMER, J. (org.). *De Safo a Sade: momentos na história da sexualidade*. Campinas: Papyrus, 2005.
- MORAES, E. R. *Lições de Sade: ensaios sobre a imaginação libertina*. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- PAGLIA, C. “A volta da grande mãe: Rousseau versus Sade” in: *Personas Sexuais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PAZ, O. *Um mais além-erótico: Sade*. São Paulo: Mandarim, 1999.
- ROUSSEAU J. -J. *Discurso sobre a Origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. Porto Alegre: L&PM, 2009. Tradução: Paulo Neves.
- SADE M. *A filosofia na alcova*, São Paulo: Circulo do Livro, 1995.
- _____. *História de Juliette ou as prosperidades do vício*. Lisboa: Guerra e Paz, 2007.
- _____. *Os infortúnios da virtude*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- STAROBISNKI, J. *Jean-Jacques Rousseau: a transparência e o obstáculo*, São Paulo: Companhia das letras, 2011.